

# A CASA DOS CATA-VENTOS EM CENA(S)

LAURA ANELISE FACCIÓ WOTTRICH



TROCHE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

Laura Anelise Faccio Wottrich

**A CASA DOS CATA-VENTOS EM CENA(S)**

Porto Alegre

2018

Laura Anelise Faccio Wottrich

**A CASA DOS CATA-VENTOS EM CENA(S)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise: inconsciente e clínica.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Djambolakdjian Torossian.

Porto Alegre

2018

Nome: Laura Anelise Faccio Wottrich

Título: A Casa dos Cata-Ventos em cena(s)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovado em:

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Máris Campos Guerra  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria Perrone  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Gageiro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura

A todos aqueles que se dedicam à causa das crianças  
e ao trabalho de criar laços e raízes nos lugares mais áridos.

## **Das infinitas gratidões**

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por dar lugar à transmissão e ser espaço de resistência.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, e ao grupo de professores e funcionários que o compõem, por sustentarem um espaço de vida, de invenção, e de renovação da teoria e da clínica psicanalítica nos mais diversos contextos, e por sua necessária resistência no escuro de nosso tempo.

À Sandra D. Torossian, pela orientação acolhedora, firme e sensível; pela leitura atenta, que amplia os olhares; e pelo acompanhamento cuidadoso no percurso repleto de sinuosidades em que se fez o andar desta pesquisa.

Às professoras Ana Maria Gageiro e Claudia Maria Perrone, por aceitarem compor a banca de qualificação, trazendo leituras e contribuições preciosas para a continuidade da pesquisa; e à professora Andréa Máris Campos Guerra, por aceitar o convite para o momento da defesa.

Ao nosso querido grupo de pesquisa, pelos bons encontros, pelas trocas, e pelo compartilhar das angústias, experiências e alegrias. À Sandra Torossian, Maria Ribeiro, Marina Rodrigues, Yanisa Yusuf, Carolina Lague, Mateus Baldissera, Mayara Janovik e Aline Oliveira, agradeço as leituras e as tantas contribuições que ajudaram a dar corpo às páginas que se seguem.

À tripla mais querida e parceira que há, meu maior presente deste mestrado, que certamente não terminará com ele. A parceria, a presença e os laços belos e fortes de amizade e irmandade que construímos nesse percurso produziram marcas que tornaram essa experiência muito mais possível e especial. À Carol e à Ya, agradeço pelo companheirismo, pelo afeto e pelas tantas possibilidades de acolhimento e invenção com as diferenças que nos habitam. A vocês, minha eterna gratidão.

A todos os colegas da nossa divertida turma Heimlich, pelas interlocuções e pelo compartilhar das fantasias, receios, angústias e alegrias, de forma a arejar as durezas que se apresentaram no meio do caminho.

Aos alunos da disciplina de Seminários de Psicologia - I, do Instituto de Psicologia da UFRGS, e aos da graduação de Psicologia da FtecIBGEN, cujas vontades de saber relançaram, a cada encontro, novas questões para o meu percurso de formação e para a construção de um estilo possível de transmissão.

À equipe da Casa dos Cata-Ventos, àqueles que estão e permanecem, e a todos que por ela já passaram. Pela parceria firme e forte, pela aposta compartilhada na ética e na escuta psicanalítica, e pela sustentação coletiva do direito ao brincar, conversar e contar histórias, possibilitando assim a (re)invenção de modos de vida, de trabalho e de construção de laços. E também àqueles que nos escutaram na singularidade de nosso fazer, nos auxiliando na delicada tarefa de sustentar e transmitir a ética psicanalítica em territórios áridos e por vezes abandonados pelas palavras: nossos sinceros agradecimentos, assim, à Diana Corso, Emília Broide, Jorge Broide, e Ieda Prates.

À Associação de Moradores da Vila São Pedro, por acolherem nossa proposta e nos ajudarem na aposta da construção de lugares de existências mais férteis e possíveis para as infâncias e adolescências do seu território.

A todas as crianças, jovens e famílias, vizinhos e/ou frequentadores da Casa dos Cata-Ventos, pela acolhida e pelo tanto que nos ensinam.

Às queridas Helena Pillar Kessler, Marina Gregianin Rocha e Marina Rocha Rodrigues, pela presença disponível e cuidadosa e pelas leituras e interlocuções delicadas em diferentes momentos.

À Sofia Piccinini, pela disponibilidade e pelo cuidado ao fazer a revisão e a correção desta escrita.

À Yumna Yusuf, pelo auxílio artístico na confecção do convite da banca de defesa.

À Vitória Wottrich Nunes e à Rute Wottrich, pelo carinho costumeiro ao se disporem, desta vez, a fazer a tradução do resumo.

Às amigas de longa data: Fernanda Culau, parceira nos percursos de estudos e das tantas descobertas pelos caminhos de vir-a-ser psicólogas e na arte de adultecer; Lucenira Kessler, pelo andar ao lado e por, nessa caminhada, se fazer parceria firme e constante; Mayara Janovik, amiga querida cuja presença e palavras se fazem sempre acalanto; e Vanessa Berni, por se fazer presente mesmo na distância.

À Beatriz Borges e ao Marcelo Vaz, que em suas escutas sensíveis me ajudaram a criar e a encontrar ancoragens e condições possíveis para (r)existir.

À Paula Bastos, pela transmissão tão cuidadosa da prática milenar com que pude me reencontrar ao final desse percurso, ressignificando-o.

À Lidiane Zanelatto, pelo cuidado atento e delicado às dores que transbordaram ao final da escrita.

Aos meus pais, Harold e Rosa, por terem me ajudado e me incentivado a seguir por universos que lhes eram completamente desconhecidos, testemunhando e celebrando tantas dessas descobertas, e por seguirem presentes ainda que na distância.

À minha irmã, Valquiria, pelo exemplo, pela referência e pelo amor compartilhado em tantos momentos da vida.

Aos meus avós, cujas ausências transformaram-se em presenças tão vivas em minha escrita:

Ao vô Avelino (*in memoriam*), pela transmissão firme e delicada de tantos valores e histórias, e por ter nos permitido testemunhar a força do desejo que move mundos.

Como dizia a nossa vó Maria (*in memoriam*), “lá, até onde a vista alcança...”. A ela também agradeço por todo afeto e toda aposta, ampliando meus horizontes e vontades de conhecer e de saber.

À vó Elga (*in memoriam*), por cada palavra, por cada gesto, e por todo amor e sabedoria nas horas de despedida.



Ao meu vô João (*in memoriam*), que partiu tão cedo e que nos deixou tanto. Com seu humor mais temperado, talvez tenha sido o primeiro a me permitir ver a beleza que pode existir na loucura, me ensinando que podemos ser muitos em um.

Ao Lucas, pelo companheirismo, pelo andar ao lado, e por todo afeto nas travessias de tantas intensidades.

## RESUMO

Wottrich, L. A. F. (2018). *A Casa dos Cata-Ventos em cena(s)*. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

A presente pesquisa foi delineada nos contornos da experiência de trabalho desenvolvida na Casa dos Cata-Ventos. Trata-se de um lugar para brincar, conversar, ler e contar histórias, sustentado pela ética e pela escuta psicanalítica, em um contexto denominado como o trabalho da clínica analítica em situações sociais críticas. A história do nascimento e crescimento do projeto é retomada logo no início da dissertação. Depois, seguimos trabalhando com algumas cenas que emergiram nos espaços e tempos de intervenção do projeto, operando com a metodologia do estudo clínico. Partindo de tal proposição, desdobramos as questões que surgiram no próprio transcorrer da escrita das cenas, de modo que, como efeito da escritura, decantaram algumas especificidades importantes do trabalho clínico realizado no projeto. Além disso, sustentamos metodologicamente a escolha pelo trabalho com cenas, efetuando uma retomada da análise destas na tradição psicanalítica. Amparados nessa mesma teoria e em leituras e contribuições da filosofia, embasamos a noção de que a cena se constitui como um lugar de produção, engendrando a configuração particular de elementos significantes nos processos de subjetivação e de construção social. Por fim, situamos o trabalho de constituição de redes que se opera na prática cotidiana da Casa dos Cata-Ventos. Trata-se tanto do trabalho desenvolvido com a rede intersetorial do território, quanto da construção de redes significantes que possam servir de amparo e referência para as crianças e adolescentes em seus percursos de vida.

Palavras-chave: Casa dos Cata-Ventos. Psicanálise. Estudo clínico. Cena psicanalítica. Situações sociais críticas. Infância e adolescência.

## ABSTRACT

Wottrich, L. A. F. (2018). *The Casa dos Cata-Ventos in scene(s)*. (Masters Dissertation) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

The present research was outlined in the contours of work experience developed in Casa dos Cata-Ventos. It is a place to play, chat, read and tell stories, sustained by ethics and the psychoanalytical listening, in a context referred to as the analytical work of the clinic in critical social situations. The history of the birth and growth of the project resumed at the beginning of the dissertation. Then, we are working with some scenes that have emerged in the spaces and times of intervention of the project, operating with the methodology of clinical study. Assuming such a proposition, we open the issues that have arisen in the course of writing the scenes, so that, as an effect of scripture, emerged some important characteristics of the clinical work carried out in the project. In addition, upheld methodologically the choice by working with scenes, making a resumption of the examination of the psychoanalytic tradition. Supported in this same theory and in readings and contributions of philosophy, activities, the notion that the scene is constituted as a place of production, engendering the particular configuration of significant elements in the processes of subjectivation and of social construction. Finally, we situate the work of formation of networks that operates in the daily practice of the Casa dos Cata-Ventos. It is both the work done with the intersectoral network planning, as the construction of significant networks that can serve as a support and reference for children and adolescents in their paths of life.

Key-Words: Casa dos Cata-Ventos. Psychoanalysis. Clinical study. Psychoanalytic scene. Critical social situations. Childhood and adolescence.

## SUMÁRIO

<b>Cena 1</b> .....	13
<b>Uma introdução pelos caminhos da pesquisa</b> .....	14
<b>História em cenas: nascimento e crescimento da Casa dos Cata-Ventos</b> .....	20
<b>A escrita do estudo clínico na Casa dos Cata-Ventos</b> .....	40
<b>A escrita das cenas e as cenas de escrita: percursos teóricos e metodológicos</b> .....	45
A cena e o palco na Casa dos Cata-Ventos .....	49
<b>Cena 2</b> .....	58
<b>As cenas interrogam</b> .....	60
<b>Cena 3</b> .....	71
<b>Dos fios que tecemos pelo caminho</b> .....	73
<b>Cena 4 – parte 1</b> .....	79
<b>Das apostas em nomes e letras</b> .....	81
<b>Cena 4 – parte 2</b> .....	85
<b>Cena 5</b> .....	89
<b>Aberturas e inconclusões</b> .....	90
<b>Posfácio</b> .....	93
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	94

*Se eu fosse alguém  
Ou mandasse nesse mundo de vileza  
Só pensava numa coisa  
Acabar com a pobreza  
Dar à vida outra feição  
Mais igual, mais repartida  
Seria meu grande sonho  
A minha grande alegria  
E a cada boca, num beijo  
Dar o pão de cada dia  
E a cada boca, num beijo  
Dar o pão de cada dia  
Se eu fosse alguém...*

*Poema: António Botto  
Música: Vitor Ramil  
Voz: Gutcha Ramil Magalhães*

## Cena 1

Em uma tarde de trabalho na Casa dos Cata-Ventos, fico responsável “pelo caderno e pelo portão”. Em nosso cotidiano, isso significa que, naquele dia, eu ocuparia a função de receber as crianças na entrada da Casa, registrar o nome e a idade de cada uma no caderno, retomar os combinados sobre a atividade do dia, ou mesmo apresentar a Casa e suas regras caso houvesse algum estrepante no espaço naquele momento.

Nossa proposta de registrar os nomes e idades de cada criança, em cada turno de trabalho, é parte da herança que tomamos do modelo da Maison Verte – uma de nossas inspirações. Independente de quantas vezes a criança já tenha nos visitado, esse é um ritual e um combinado que mantemos desde o início do projeto, e que tem por função (re)afirmar a marca de cada um que esteve ali naquele momento, constituindo o grupo de trabalho daquele dia.

Então, lá estava eu, em uma tarde ensolarada, munida de caderno, caneta e chaves, encontrando-me com muitas crianças pequenas, e outras nem tão pequenas assim, que aguardavam para entrar pátio adentro e iniciar nossa tarde de conversas, histórias e brincadeiras. Anotava os nomes e idades de várias crianças já conhecidas, tentando dar as boas-vindas a cada uma, até que me deparo com uma pequenina que, do alto de seus dois anos de idade, não consegue me dizer seu nome. Pergunto então às crianças em volta se a conheciam e se saberiam me dizer qual o seu nome. E a resposta que recebo de várias delas causa-me uma perplexidade e um mal-estar difíceis de (d)escrever. “Cocô”, dizem-me, em um coro descontraído. Eu, surpresa e inconformada, peço novamente: “Não, gente, eu preciso saber *o nome* dela pra registrar aqui no caderno”. “Sim, ‘sora’<sup>1</sup>, mas é Cocô o nome dela!”. Perguntas e respostas vão e vêm – nenhuma delas vindas da pequena em questão –, até que um de seus irmãos consegue nos dizer enfim que seu nome é Estrela<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> ‘Soras’ e ‘sores’ foram as nomeações inventadas pelas crianças e adolescentes, ao se dirigirem aos cataventeiros e cataventeiras. Vale destacar que, especialmente nos primeiros anos de trabalho, a equipe insistia para que as crianças pudessem chamar os adultos da Casa pelos seus nomes. Entretanto, o pedido não se sustentava por muito tempo, e logo os diminutivos de professor e professora retornavam. Certo dia, perguntamos às crianças o porquê da insistência nessas nomeações, e escutamos a seguinte explicação: “Nós já sabemos que a Casa dos Cata-Ventos não é uma escola, mas vocês também nos ensinam coisas e nós aprendemos com vocês. Por isso chamamos vocês assim!”. Diante de tal resposta, a questão deu-se por resolvida desde então.

<sup>2</sup> Os nomes apresentados no trabalho são fictícios, inventados pela pesquisadora para preservar a identidade dos personagens da pesquisa.

## Uma introdução pelos caminhos da pesquisa

Comecei a catar as ervas rasteiras que me arrastavam  
por analogia.  
O vento se harpava em minhas lapelas desatadas.  
Eu tinha o roteiro do luar com o mapa da mina.  
Manoel de Barros

Ao iniciar a tessitura desta dissertação de mestrado, parti de algumas cenas como essa, recolhidas no cotidiano de trabalho da Casa dos Cata-Ventos.

Desenhando-se como uma estratégia inovadora de atenção à infância e adolescência, a Casa dos Cata-Ventos carrega, desde sua história inicial, a marca de ser construída e sustentada coletivamente. Criada como um projeto de extensão do Instituto de Psicologia da UFRGS, em parceria com o Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: clínica, intervenção e pesquisa em psicanálise (Instituto APPOA), ela nasce de um grupo de trabalho dentro da Universidade, articulando o tripé ensino, pesquisa e extensão e marcando uma posição ética quanto à responsabilidade social dessa instituição, com a produção de conhecimentos que possam operar efeitos de transformação na realidade social. Assim, não é à toa a escolha de iniciar o trabalho em um território marcado pela exclusão, violência e privação de direitos (Gageiro & Torossian, 2016).

A Casa tem morada, desde julho de 2011, em uma comunidade situada na região central da cidade de Porto Alegre, próxima de shopping, universidade e outras instituições do estado. Mas que, no entanto, não é vista nem reconhecida por grande parte dos que circulam pelo seu entorno. Tendo uma única via de entrada, suas esquinas e ruas de chão batido, em formato de labirintos, são ocupadas por meninos operários do tráfico, cavalos e carroças de catadores de lixo, adultos, crianças, cachorros e gatos, que vivem e sobrevivem em um lugar de invisibilidade social. Muitos deles sem água encanada ou esgoto e com instalações de luz irregulares.

É nesse território – que tantas vezes nos parece um outro mundo, conforme descrevem Francielle Lenz e Carla Sei (2016) – que entramos semanalmente sustentando um espaço e um tempo onde se possa experimentar a relação com o Outro de forma não violenta e não totalitária, dando lugar ao brincar e à palavra em sua plena potência constitutiva e inventiva. Tendo como inspiração a experiência da Maison Verte, criada por Françoise Dolto em 1979, na França, e da Casa da Árvore, situada no contexto das favelas cariocas desde 2001, seguimos compartilhando o fio condutor dessas experiências: a sustentação teórica e o

balizamento pela ética psicanalítica. Compreendendo a criança enquanto sujeito de linguagem e situando sua constituição na relação com o Outro, seguimos o princípio de sustentar um espaço onde se fala *com* crianças, ofertando um espaço intermediário, de brincar, conversar, ler e contar histórias; em um território com poucos lugares de acolhida para a infância e a adolescência.

Essa experiência produziu, e ainda produz, efeitos singulares em meu percurso de formação, lançando e recolocando algumas questões que deram forma e contorno aos caminhos desta pesquisa. A primeira delas dizia respeito à marca, já situada inicialmente, de um fazer construído e sustentado coletivamente, em todas as suas dimensões. Na Casa dos Cata-Ventos, se há apenas um, não há trabalho possível. E esta insígnia, de um trabalho escrito a muitas mãos, construído a muitas vozes, e sustentado entre vários, apresenta potências e também produz alguns nós.

Parti inicialmente, então, dessa especificidade que produziu uma diferença em meu trajeto, logo ao ingressar na Casa dos Cata-Ventos, ainda como residente em Saúde Mental Coletiva, no ano de 2012. Até ali, minha experiência em trabalhos em equipe circunscrevia-se ao contexto dos serviços públicos, em especial da saúde e da educação. O que havia experimentado até então era, justamente, a dificuldade de se construir um comum em equipes que tinham sua formação sempre determinada por elementos externos (pela via dos concursos públicos, das seleções ou mesmo de indicações ou decisões arbitrárias da gestão). Assim, era raro encontrar grupos que compartilhassem, de saída, um horizonte ético e um fio teórico em comum. A letra da lei, encontrada em portarias e cartilhas que regulamentam o funcionamento dos serviços, nem sempre conseguia fazer essa função também.

Na Casa dos Cata-Ventos, uma importante diferença se colocou, então, em relação às experiências anteriores, visto que a formação da equipe se dá pelo enlace do desejo de cada participante, e pela aposta compartilhada na possibilidade da sustentação da ética e da escuta psicanalítica em territórios onde “a violência torce o pescoço das palavras”<sup>3</sup>. Ao reconhecer também o meu desejo e compartilhar da mesma aposta, fui construindo a possibilidade de ficar. Finda a residência, passei a integrar a equipe como trabalhadora a partir de 2013.

A mudança de posição, de residente (um vínculo temporário) a trabalhadora (um vínculo permanente, ainda que muitas vezes voluntário, por depender da construção da sustentabilidade financeira do projeto), fez mudar também o lugar desde onde podia olhar e

---

<sup>3</sup> Essa foi a metáfora utilizada pelos psicanalistas franceses da Maison Verte ao assinalarem a impossibilidade que reconheciam na escolha dos psicanalistas da Casa da Árvore ao elegerem os territórios das favelas do Rio de Janeiro para implementarem esse dispositivo (Milman, 2008).



experimentalizar as diferenças encontradas na experiência do trabalho em equipe. Não se tratou de uma ruptura, mas de uma ampliação do olhar, sem deixar de carregar ainda os registros produzidos no ano anterior. No lugar de trabalhadora, passei a compartilhar de desafios e responsabilidades que, enquanto residente, não acompanhava. Questões que permeiam não apenas o pátio da Casa e nossa relação com as crianças, os adolescentes e a comunidade, mas também aquelas que nos atravessam enquanto equipe e enquanto projeto – e que nos acompanham desde o início do trabalho.

Se até ali havia me aproximado mais das potências dessa constituição singular de equipe, a partir de então vou me deparando também com os nós que tal composição produz. Os mesmos elementos que abrem possibilidades bastante interessantes para o desenvolvimento do trabalho clínico e em rede – como o fato de nos situarmos num certo espaço *entre*, não estando submetidos às lógicas e exigências burocráticas das políticas públicas, por exemplo – carregam também desafios que se recolocam a cada tempo. Perguntas sobre a própria estruturação da equipe, em função das possíveis formas pelas quais pode se dar a vinculação de cada um ao projeto – pela via de estágios, bolsas de pesquisa e de extensão, entrada como residentes, pelos vínculos de trabalho muitas vezes voluntários, e também pelas questões e demandas de continuidade no projeto que muitas vezes emergem após o final dos percursos formativos (como foi o caso da minha própria permanência na equipe). Tais interrogações trazem consequências também para o modo como se dá ou não a organização do próprio trabalho, visto que, para que as ações tenham sua continuidade garantida, é necessário que ao menos um trabalhador permanente as acompanhe, ou que nos ocupemos de pensar as formas de passagem da intervenção de um cataventeiro passageiro para outro (como tem ocorrido nos casos de acompanhamentos terapêuticos, por exemplo).

Outro desdobramento nessa via são os questionamentos sobre os percursos de formação que acolhemos no projeto e sobre os nossos modos de transmissão. Por tratar-se de uma clínica viva que vai desenhando seus contornos nos diferentes momentos, nos diversos transcurso de acompanhamentos e de acordo com as demandas que vão se apresentando, muitas vezes nos “vemos pequenos” diante da tarefa de se transmitir não apenas a ética que nos guia e que sustenta o trabalho, mas também todas as sinuosidades e mudanças no caminho que já se fizeram ou que se fazem necessárias.

E, por fim, mas não menos importante, há também a inevitável tarefa de pensarmos e nos ocuparmos da sustentabilidade financeira do projeto, para que as ações que vêm sendo inventadas e sustentadas possam ter sua continuidade garantida e para que possamos manter,

também, um corpo clínico mais coeso e permanente que possa seguir se ocupando de todas as esferas necessárias para a manutenção do projeto. A marca do trabalho construído entre vários passa a ter, assim, uma gama de significações que se complexifica na medida em que nossa experiência também segue se ampliando.

Foi a partir de tais reverberações que nasceu o desejo de pesquisar e escrever sobre a experiência desse trabalho em equipe no contexto do mestrado. O primeiro esboço do projeto de pesquisa foi elaborado, então, em torno da ideia de investigar os efeitos da construção e da sustentação coletiva do trabalho desenvolvido na Casa dos Cata-Ventos, bem como dos sintomas institucionais que podem se produzir pela própria realidade do trabalho, a partir do encontro e do contato permanente com a violência e a dor.

No entanto, logo no início do percurso, me deparei com a dificuldade de encontrar um lugar possível para falar ‘sozinha’ dessa experiência que justamente só se faz possível entre vários, e que carrega, em sua própria constituição, um emaranhado de ‘nós’<sup>4</sup> inerente à produção coletiva do trabalho. E tudo isso em meio a um intenso processo em que mergulhamos, mais ou menos nessa mesma época, visando à construção da sustentabilidade financeira do projeto.

Diante de tal dificuldade, um deslocamento se fez necessário e, dos tantos nós pelos quais me vi atravessada – agora também no lugar de pesquisadora –, optei por fazer então um recorte um pouco menor e mais possível. Decidi fazer um estudo clínico, conforme a proposta do psicanalista argentino Ricardo Rodulfo (1990, 2004), partindo de algumas cenas recolhidas ao longo do acompanhamento das crianças frequentadoras da Casa dos Cata-Ventos. No entanto, como bem pontuara minha orientadora naquela época, uma questão de pesquisa nunca se abandona. E, de fato, nesse novo desenho de pesquisa, a questão do trabalho em equipe seguiu me acompanhando, visto que todo o trabalho clínico que realizamos, desde as discussões de caso até as intervenções em cada turno de atividades, está sempre sustentado no coletivo e no comunitário – seja no grande grupo, durante as reuniões de equipe, seja nas miniequipes de cada turno de trabalho, ou ainda na própria construção das instituições parceiras que fundam o projeto.

---

<sup>4</sup> Aproveito aqui a polissemia do significante ‘nós’, que pode se referir tanto ao pronome da primeira pessoa do plural (eu, tu, ele, *nós*, vós, eles), quanto ao plural da palavra nó – também polissêmica – que pode significar: laço apertado; embaraço (na garganta) que obsta engolir; ponto em que está a dificuldade; vínculo; ligação, enlace. Isso permite, assim, diferentes jogos de composição e contraposição ao ‘sozinha’ presente na mesma frase.

Assim, como assinala Osório Marques (2011), a escolha e o recorte do tema de pesquisa puderam ir demarcando um campo específico de desejos e esforços por conhecer, colocando o pesquisar sob o signo do desejo e da falta. O autor acrescenta, no entanto, que “o tema não será verdadeiro, não será encarnação determinada e prática do desejo, se não estiver ancorado na estrutura subjetiva, corporal, do desejante” (p. 94). Reconhecemos, igualmente, que o investimento e a transferência com o trabalho realizado na Casa dos Cata-Ventos carregam justamente a insígnia de uma prática do desejo, sustentada entre os muitos que compõem a equipe, e compartilhada na aposta do caráter transgressor e transformador que pode operar a escuta e a palavra verdadeira<sup>5</sup>.

A pesquisa e a escrita também não se abstiveram dos efeitos recolhidos na composição de um tal fazer. Nestas, apresentou-se em sua radicalidade a afirmação do filósofo Jacques Derrida, na abertura do livro “Salvo o nome”: “Mais que um, desculpe, é preciso sempre ser mais que um para falar, é preciso que haja várias vozes...” (1995, p.7). A escrita aqui tecida foi deveras composta pelos fios das muitas vozes que vêm dando corpo e sustentação ao que se desenvolve na Casa dos Cata-Ventos – desde as cenas narradas, cujos contornos se desenham no amparo das mini equipes de cada turno de trabalho, até a narrativa de cada um dos tempos da história do projeto.

O material da pesquisa foi sendo resgatado, assim em diversos tempos e espaços. Primeiramente, pelas anotações de trabalho e pelas memórias guardadas pela própria pesquisadora. Depois, através dos diversos escritos já produzidos por outros cataventeiros pesquisadores. E, enfim, foram incluídos os registros que fabricamos em um encontro de supervisão clínico-institucional, no qual a história da Casa foi sendo contada a muitas vezes para a psicanalista que ali nos escutava, de modo que passamos a tomá-los como parte do trabalho da pesquisa, que aparece principalmente no capítulo da história do projeto.

Quanto às dissertações anteriormente produzidas, deixo aqui o registro dos títulos e seus respectivos autores, conforme a ordem cronológica de elaboração: “A Casa dos Cata-Ventos: variações sobre o futuro, a inutilidade e a sede”, de Anderson Beltrame Pedroso

---

<sup>5</sup> Importante ressaltar que não se trata, aqui, do ‘verdadeiro’ enquanto um critério de valor ou de julgamento. Mas sim do efeito constitutivo que se pode produzir quando a história do sujeito lhe é transmitida e posta em palavras, respeitando o seu direito de acessá-la e de apropriar-se dela. Trata-se, também, da necessidade de que as vivências e experiências que a criança vai armando em seu percurso possam ir sendo traduzidas e verbalizadas junto a ela, permitindo, assim, a construção do seu próprio aparato de possibilidades linguageiras. Nas palavras de Françoise Dolto (1991), “quando se chama uma criança pelo nome, já é uma palavra verdadeira... Uma palavra verdadeira é, no fim das contas, respeitar o outro tanto quanto a si mesmo, é respeitar a criança que não quer falar ou que está triste;... Falar verdadeiro significa considerar aquele que está diante de si como um homem ou mulher que virá a ser, que é inteiramente linguagem em seu ser, tendo um corpo de criança, mas compreendendo tudo o que nós dizemos” (p. 48).

(2013); “O balanço e o tempo: a escrita da experiência na Casa dos Cata-Ventos”, de Helena Pillar Kessler (2017); “Olhar, rachar, narrar: cenas de um pesquisar em encontros”, de Marina da Rocha Rodrigues (2017); e “Contar histórias na casa dos cata-ventos: leitura e escrita em cena”, de Marina Gregianin Rocha (2018).

Partindo de tantas cenas e de tantas vozes, nos propusemos, então, a refletir sobre o que se produz quando apostamos na possibilidade de se trabalhar com palavras que carregam nós e torções, bem como colocar em questão as possibilidades de que se desatem alguns deles para que se possam enlaçar outros, que amarrem os sujeitos à vida – como sustentam Jorge e Emília Broide (2015) na proposição do termo ‘ancoragens’. Sendo assim, da mesma forma que sustentamos e apostamos na possibilidade do brincar e do fantasiar com as crianças e adolescentes com quem nos encontramos, apostamos aqui também nos fios da escrita e da narrativa como uma via possível de produção e de testemunho de uma clínica viva, que interroga, faz pensar, e que produz assim, no a posteriori, a sua teorização.

## História em cenas: nascimento e crescimento da Casa dos Cata-Ventos

E muito pouco lhe importava o disparate,  
tinha nada de vergonha e sonhava tão grande  
que cada impedimento era apenas um pequeno atraso,  
nunca a desistência ou a aceitação da loucura.  
Pensava que quando se sonha tão grande a realidade aprende.  
Valter Hugo Mãe

Tempo de sonhar.

Ano: 2009

Uma psicanalista é aprovada no concurso para professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, levando consigo a ideia de um futuro projeto. O encontro com o experimento carioca narrado no livro “A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na atenção à infância” lhe permitiu sonhar com similar invenção para a sua terra natal. A Casa dos Cata-Ventos começava a ser gestada, assim, nos sonhos da professora Ana Maria Gageiro.

Tempo de nascer.

Ano: 2011

O sonho que começou a ser gestado em meados de 2009 foi encontrando eco nos corredores da Universidade. Dentre tantos encontros, o que era sonho acabou ganhando contornos de realidade, e concretizou-se inicialmente sob a forma de um curso de extensão, em 2011, nomeado “Estratégia clínica e política de atenção à infância: um estudo da experiência da Casa da Árvore”. As ressonâncias foram se ampliando e chegaram aos diálogos com colegas da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a reuniões do Instituto APPOA, e, por fim, encontraram amparo e um lugar de existência junto à Associação de Moradores da Vila São Pedro.

Esse formato inicial permitiu um trabalho sistemático e o encontro daqueles que viriam a formar a equipe inicial do projeto. Foi assim que, a partir de um sonho compartilhado pela professora com tantos outros parceiros e parceiras das redes de atenção e cuidado à infância e adolescência, a Casa dos Cata-Ventos pôde vir ao mundo em julho de 2011. Seu berço foi um espaço cedido por uma ONG, vinculada à Associação Médica do Estado, onde passaram a ser ofertados os turnos de livre brincar para as crianças e famílias da comunidade.

Tempo de encontrar.

Ano: 2012

Já existia, então, uma Casa dos Cata-Ventos; uma equipe atravessada pelo desejo de tecer, com os fios da ética psicanalítica, outras possibilidades de vida nos buracos deixados pela violência e desassistência do Estado; e um local para abrigar tais tessituras. Faltavam, algumas vezes, os pequenos artesãos dos novos bordados.

Seguindo na aposta dos encontros, em 2012 o projeto da Casa dos Cata-Ventos encontrou-se com o projeto “Oficinas de literatura infantil: modos de escutar a dor”, desenvolvido no Instituto de Psicologia da UFRGS, desde 2009, e coordenado pela professora Sandra D. Torossian. Os dois projetos construíram uma forte parceria e vêm sustentando, desde então, a proposta de ofertarem, também, turnos de contação de histórias na Casa dos Cata-Ventos, além dos turnos de livre brincar.

A Casa passou a ser apresentada, assim, como um lugar de brincar, conversar e contar histórias. E o primeiro conto de fadas, escolhido para abrir os trabalhos daquele ano, foi a história de Chapeuzinho Vermelho. Em trajes de menina da capa vermelha, caçador, vovozinha e lobo mau, parte da equipe entrou, pela primeira vez, vila adentro entoando a conhecida cantiga<sup>6</sup>, e convidando pequenos e grandes para adentrarem conosco no universo das histórias e conhecerem a proposta da Casa dos Cata-Ventos. A intervenção-encenação produziu o efeito desejado, e desde então o número de artesãos só vem crescendo – não apenas em quantidade, mas também em idade. Contrariando os maus presságios de alguns atores de outros espaços, que afirmavam que o projeto só teria público caso fossem ofertadas cestas básicas para as famílias e lanches para as crianças, testemunhamos que ali também havia fome de palavras, de presenças disponíveis e de acolhimento para as dores e alegrias do viver.

Com pouco mais de seis meses de vida, a Casa passou por sua primeira mudança de lugar. Após um período de adaptação e reconhecimento dos parceiros da ONG que inicialmente a acolheram, as diferenças e mal-estares produzidos no cotidiano da convivência começaram a desenhar os contornos de um processo de separação. Tais contornos se intensificaram quando da notícia de que havia outro projeto aguardando acolhimento naquele

---

<sup>6</sup> Trata-se da música que Chapeuzinho Vermelho cantarolava durante o seu percurso até a casa da vovozinha: “Pela estrada afora/ Eu vou bem sozinha/ Levar estes doces para a vovozinha/ A estrada é longa/ O caminho é deserto/ E o lobo-mau passeia aqui por perto/ Mas à tardinha/ Ao sol poente/ Junto à mamãezinha dormirei contente!”.

Para outras leituras a respeito desta escolha na primeira vez em que a equipe circulou pelo território da comunidade, conferir o subcapítulo “A Casa dos Cata-Ventos”, da dissertação de Anderson Beltrame Pedroso (2013).

mesmo espaço e se concretizaram no momento em que a Associação de Moradores da comunidade estabeleceu a sua sede em uma casa cedida pela Prefeitura Municipal (oriunda da desapropriação de um terreno próximo ao espaço que ocupamos inicialmente) – oferecendo a possibilidade de compartilhá-la com a Casa dos Cata-Ventos. Negociados os horários e turnos, o espaço passou a ser compartilhado com a Associação, e as diferenças nos modos de ocupar e de cuidar o ambiente também foram aparecendo sem demora.

Tivemos, no entanto, um curto tempo de permanência nessa nova morada. Poucos meses após, recebemos uma convocação da Associação de Moradores para ocuparmos o espaço de uma outra casa – construída pela própria comunidade, no coração da vila, em anos anteriores –, onde havia funcionado até então o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos<sup>7</sup> (SCFV). Por questões administrativas, o SCFV passou a ser executado pela ONG com que trabalhamos inicialmente, e não mais pela associação comunitária. Fizemos, então, nossa terceira mudança de moradia, em menos de um ano de existência; e encontramos, assim, num movimento similar ao vivenciado por tantas crianças e famílias da comunidade que, desde muito cedo, experimentam as dificuldades de uma vida sem parada, marcada por mudanças e itinerâncias que muitas vezes dificultam o estabelecimento de laços e a criação de raízes em um lugar que se possa chamar de seu.

Nas diferenças e nas repetições, a Casa foi se configurando, assim, como um lugar de endereçamento de demandas e de transferências, em um processo que sua precursora francesa, Françoise Dolto, denominava de transferência com o espaço (2005). Sustentava-se, ali, a possibilidade de que a transferência se estabelecesse não apenas na relação com a pessoa de um interlocutor específico, mas com o próprio lugar; em um processo onde os diferentes profissionais envolvidos no trabalho viabilizavam uma variedade de encontros, de estilos e de possibilidades de elaboração. Nesse sentido, ao referir-se à experiência francesa, Gerard Neyrand (1995) afirma que, “nesta perspectiva, é o lugar que é o verdadeiro titular da transferência, como um dispositivo espaço-temporal e relacional onde as intensidades emocionais são colocadas em ação e em palavras” (s.p.).

Helena Pillar Kessler e Luciane Susin (2016), ao narrarem e refletirem sobre as produções que se dão no contexto do experimento gaúcho, aprofundam os efeitos dessa singular relação: “nesse espaço-tempo do encontro, propõe-se uma temporalidade que busca

---

<sup>7</sup> Trata-se de um serviço da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ofertado às famílias acompanhadas pela rede de assistência do município, onde são realizados atendimentos em grupos divididos a partir de faixas etárias e ofertados, para crianças e adolescentes, no período do contraturno escolar (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2017).

contar com um suporte discursivo, através da escuta e de uma presença disponível que aposta na construção de um intervalo” (s.p). Tempo e espaço permaneciam, assim, como elementos nodais e constitutivos dessa experiência que se sustentava coletivamente em suas itinerâncias e deslocamentos.

Tempo de crescer, e chover.

Ano: 2013

Passados quase dois anos de vida, já conhecíamos, então, algumas das lógicas que regiam as relações e os múltiplos modos de viver na comunidade. Ampliávamos, também, o nosso vocabulário, aprendendo que por ali palavras já conhecidas podiam carregar significações muito distintas das que supúnhamos até então. Chuva, por exemplo, que para nós sempre foi sinônimo de água caindo do céu, no território da Casa dos Cata-Ventos significava também a proximidade ou a chegada indesejada de policiais na comunidade, gerando corre-corres de meninos e homens que costumam trabalhar distribuídos pelas esquinas e quebradas, sob a ordem de um patrão; e, mesmo quando a chuva se referia à água que banha a terra, seu acontecimento produzia efeitos inesperados para a maior parte dos estrangeiros que ali nos tornávamos.

Assim, sucedeu-se um momento em que nos ocupávamos da difícil tarefa de negociar os espaços de brincadeira na casa e no pátio com as crianças. Tentávamos demarcar alguns limites que considerávamos seguros para o livre brincar, e que não incluíam, em nossa concepção, o espaço acima do telhado da casa, frequentemente habitado por uma ou outra criança que insistia em demonstrar suas habilidades de transgredir combinados ou de escalar muros, grades e árvores. Em uma dessas tardes de conversas e negociações, águas desceram dos céus. E, para o nosso espanto, naquele momento ouvimos o chamado de uma mãe, que solicitava ao filho que saísse da Casa dos Cata-Ventos para ir até a sua casa, subir no telhado e puxar a lona que protegeria a família das goteiras e infiltrações que invadiam o lar nesses momentos. Ampliados a escuta e o olhar, aprendemos que subir no telhado poderia ser não apenas um ato de transgressão às regras, de confronto ou oposição, mas também a demanda pelo reconhecimento de uma habilidade e de um saber que naquele cenário se faziam muito necessários, e que nós, ‘psicanalistas do asfalto’<sup>8</sup>, não detínhamos.

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada por uma das coordenadoras do projeto da Casa da Árvore, num capítulo em que narra a história das Casas cariocas e das relações que se estabelecem no cotidiano do trabalho dos psicanalistas com as crianças e as comunidades (Milman, 2008).



Nesse mesmo ano, outra palavra ampliou nosso saber sobre algumas especificidades da vida em comunidade no território cataventeiro. Guardando estreita relação com as chuvas que balançaram nossas certezas ou suposições, um forte temporal que ocorreu no mês de férias da equipe também nos colocou algumas descobertas e aprendizados. Descobrimos que, se, para a maioria de nós, os temporais costumam ser vivências passageiras, na vila, ao contrário, suas passagens produzem efeitos muito mais difíceis e duradouros – e, naquele ano, tais efeitos se estenderam ao trabalho da Casa dos Cata-Ventos.

A equipe se ausentou durante todo o mês de fevereiro em função do período de férias. No retorno, no início do mês de março, um pequenino nos interpelou, ainda durante o trajeto em direção à Casa dos Cata-Ventos, antecipando a notícia de que o espaço da Casa havia sido ocupado, não havendo lugar assim para as crianças e suas brincadeiras. Minutos depois a notícia foi confirmada pelo presidente da associação de moradores, que contou que o temporal atingira muitas casas, deixando uma das famílias completamente desabrigada. Diante de tal urgência, a associação cedeu o espaço da casa para que a família pudesse se instalar, até conseguir os recursos possíveis junto ao Departamento Municipal de Habitação. A situação que seria provisória e passageira foi permanecendo ao longo do tempo. O auxílio da prefeitura não chegava, e a comunidade começou a se articular para reconstruir, com seus próprios recursos, a casa que fora derrubada pelas forças da natureza, do desamparo e da desigualdade social<sup>9</sup>. O processo se estendia e diante da impossibilidade de retomar o trabalho no espaço dentro da vila, acabamos retornando à casa que havíamos ocupado antes, compartilhada com a sede da associação, e que ficava localizada nas bordas do território da vila, bem em frente a uma das principais avenidas da cidade.

O projeto teve continuidade, meses depois, com os turnos de livre brincar e de contação de histórias, indicando que a falta de um espaço não correspondia necessariamente à ausência de um lugar para a Casa na comunidade. A permanência do projeto e da equipe no decorrer do tempo possibilitou que a construção de um lugar se consolidasse no cotidiano da comunidade, inaugurando também a possibilidade de que a ausência pudesse aos poucos ser inscrita como uma experiência não atrelada apenas às vivências de abandono, desaparecimento ou morte, tão recorrentes naquele contexto. Por outro lado, com a

---

<sup>9</sup> Especialistas de diversas áreas vêm discutindo e questionando o uso da expressão “desastres naturais”, repensando-os como fenômenos sociais e políticos, visto que são construídos a partir da ação humana, e da omissão, em termos da prevenção e do planejamento estratégico para evitá-los; conforme apresentam Moura e Silva (2008) e como aparece na notícia do portal FIOCRUZ do dia 19 de outubro de 2015 (Chevrand e Moehlecke, 2015).

experiência do temporal<sup>10</sup>, aprendemos que em territórios como aquele os espaços vazios não permanecem assim por muito tempo, sendo rapidamente ocupados; dada a precariedade das condições de vida e a urgência imposta por situações que, em outros lugares da cidade, costumam ser muito mais facilmente contornadas e superadas.

Ao final do ano, uma série de chuvas violentas voltou a invadir e a marcar a vida dos moradores da vila. Porém, essas chuvas não eram feitas de água, e nem chegavam como um temporal. Tratava-se daquelas que só passamos a conhecer e a reconhecer depois que a Casa teve lugar no cotidiano da vila: chuvas de vozes que anunciavam a chegada da polícia ao território. Naquele período, as chuvas passaram a ocorrer nas madrugadas, despertando pequenos e grandes que já não podiam dormir com os gritos de dor e de horror que ecoavam pelas ruas e vielas. Não eram chuvas de água, mas podiam deixar poças pelo chão depois que passavam. Poças vermelhas – cor de sangue – que denunciavam que os ecos da madrugada não se resumiam a um pesadelo passageiro.

---

<sup>10</sup> Agradecemos à leitura atenta e cuidadosa do colega Mateus Baldissera, ao sublinhar a polissemia do significante 'temporal' que, embora aqui se remeta a uma condição meteorológica, no decorrer do texto é utilizado, também, em sua referência à dimensão da temporalidade. No caso aqui apresentado, permite-nos pensar que a vivência da temporalidade, nesses territórios onde "os mínimos sociais" nunca estão garantidos, fica comprimida, reduzindo-se muitas vezes ao tempo da urgência, e dificultando a criação de espaços de vazio e de elaboração dos eventos traumáticos.

Figura 1 – “Huellas en la arena”



Fonte: Troche (2014)

Tempo de permanecer.

Ano: 2014

No ano seguinte, o trabalho desenvolvido na Casa dos Cata-Ventos seguia tomando corpo. Para além das ações e intervenções desenvolvidas junto à comunidade, o projeto se consolidava também como um local de formação, acolhendo estudantes de graduação em percursos de estágio, pesquisa e extensão; residentes de diferentes formações vinculados ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da UFRGS; e mestrandos de programas de pós-graduação; constituindo-se ainda como um lugar de invenção e de transmissão da clínica psicanalítica em situações sociais críticas (Broide & Broide, 2015).

Intensificava-se, também, a característica do projeto enquanto Serviço de Apoio à Rede de Atendimento (SARA) – conforme a nomenclatura do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA). Tal marca se produzia na interlocução da equipe junto a outros serviços e dispositivos de atenção da rede intersetorial do território: em conversas, trocas e construções de caso junto aos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Serviço de Abordagem Social (Ação Rua), Unidade Básica de Saúde (UBS), escolas estaduais e municipais, e também nas reuniões de rede e de microrrede da região. As intervenções transitavam, assim, do individual ao coletivo, conforme a necessidade de cada caso ou situação.

O trabalho em rede se fez fundamental em muitos acompanhamentos de crianças, adolescentes e famílias, e talvez tenha mostrado seu caráter mais imprescindível em um momento de esgarçamento do tecido simbólico e de transbordamento da violência no coração da comunidade. Uma morte no coração da vila carregou consigo as palavras de pequenos e grandes, de mais próximos e mais distantes, deixando talvez a sensação de que as “palavras eram inúteis para abordar algo que estava proibido à pequenez humana” (Mãe, 2017, p. 36). No entanto, sendo inúteis ou mesmo demasiado magras para conter o mundo (ibid), era com elas que podíamos contar para tratar do que ali transbordara.

Se Valter Hugo Mãe já traduzira tão bem o quanto toda morte é um exagero, por levar demais e deixar tão pouco, quando o seu acontecimento se produz entre famílias amigas, diante do olhar de outros também familiares e amigos, tal exagero parece multiplicar-se ao infinito, arrastando consigo as escassas possibilidades languageiras a que costumamos recorrer na tentativa de tecer algumas bordas simbólicas que possam minimamente conter os excessos

de real que se põe a transbordar. Contudo, nesse trabalho de construção de uma narrativa possível para aquilo que parecia impossível e impensável, foi nos muitos encontros entre tantos emudecidos que as primeiras palavras puderam voltar a nascer.

Os grandes tentavam armar uma mínima história que pudesse dar conta daquele desfecho fatal; já os pequenos brincavam, brincavam e brincavam. Brincavam de enterros que se repetiam exaustivamente, deixando bonecas cobertas de terra e de dor. Brincavam de batuque, escolhendo as vestes mais bonitas para entoar cantos que pediam proteção. Brincavam de aniversários, armando lindas festas, com bolos feitos da mesma terra que cobria as bonecas em suas despedidas e que, na brincadeira ao lado, já servia para celebrar a vida. Empréstadas as palavras de Mia Couto (2013), naquele momento, talvez, “a morte parecia tão frequente que só a vida fazia espanto” (p. 54).

Tantas brincadeiras, entretanto, ainda não bastaram para produzir um cobertor simbólico extenso o suficiente para recobrir o furo imenso que se produzira no real da vila e na vida dos pequeninos. A morte precisou ser encenada, não apenas no brincar, mas agora em ato. E as crianças, a cada momento de despedida da Casa dos Cata-Ventos e de retorno para as suas casas dentro da vila, corriam em direção aos carros na avenida de grande fluxo, flertando com a morte e se certificando de que testemunhávamos o risco que estava ali colocado. Nos apoiando nas palavras e reflexões de Nathalie Zaltzman (1993), parecia que ali, o que estava em jogo, para aquelas crianças, era a tentativa extrema de se “exorcizar a morte arriscando a vida” (p. 37). No entanto, diante de tal ato, não podíamos nos portar como meros expectadores, e então, a partir dos encontros de supervisão clínico-institucional e de reuniões com os adultos da comunidade, avaliamos a necessidade de retornar para a casa antiga – aquela, no coração da vila –, que a essa altura já se encontrava novamente vazia.

O ato dos grandes, de continência e de corte, diante da atuação dos pequenos, em seu desamparo frente à morte, possibilitou que um outro recorte se desenhasse, abrindo espaço para que algumas palavras pudessem ser colocadas no mal-estar que pulsava entre pequenos e grandes. Novamente encontramos em Zaltzman (1993) uma reflexão preciosa acerca do valor e do efeito do estabelecimento de determinados limites materialmente fixados, ao afirmar que muitas vezes é “como se do respeito destes limites . . ., limites de tempo, limites separatórios, limites à presença, instauradores da possibilidade de ausência, limites fixados pela condição mortal do ser humano, dependesse a continuação possível da vida a partir da aquisição mentalmente compartilhada do destino mortal de todo organismo vivo” (p. 46-47). E a autora prossegue, delineando o que nomeia como a experiência-limite, ao afirmar que, em tais casos,

o que é visado é a dimensão psíquica de sobrevivência, e não a morte em si; de modo que, na urgência em se demonstrar que se está vivo, através do ato de expô-la à morte, tal dimensão toma o lugar daquela do respeito pela realidade biológica.

Os medos, os limites e a impotência, que haviam rompido o contorno das cenas, indo na direção da passagem ao ato, puderam ser ditos (algumas vezes gritados, em legítimos protestos), escutados e reintegrados às histórias de cada um e também à da Casa dos Cata-Ventos. O fio narrativo que pôde, assim, se reconstituir possibilitou que aquilo que transbordava como pulsão de morte pudesse novamente se religar à vida. Desse modo, o espaço de formação em que se constituía a Casa dos Cata-Ventos servia, assim, não apenas à formação dos estudantes em seus percursos rumo à vida profissional, mas também às formações de redes, de laços, de deslocamentos significantes e de escutas sensíveis que abriam espaços para novas possibilidades de se falar a dor.

Tempo de ampliar.

Ano: 2015

O testemunho de tantas situações de violência e de desamparo produziu suas marcas no trabalho, sendo o ano de 2015 marcante como o ano em que as atividades ofertadas na Casa dos Cata-Ventos se ampliaram significativamente. A presença da equipe no território e os acompanhamentos e laços que foram se constituindo com o passar dos anos de trabalho e de convivência foram trazendo consigo outros elementos e questões que, aos poucos, passaram a compor o leque das ações desenvolvidas no projeto.

O aniversário dos quatro de anos de vida do projeto significava que não apenas a Casa crescia e amadurecia em seu tempo de existência, mas também que muitas das crianças que chegaram pequeninas já começavam a dar sinais de seus processos de crescimento e adolescência. Tais mudanças eram perceptíveis cada vez mais nitidamente nos turnos de brincar e de contar histórias, quando a tônica não se limitava mais a questões infantis, pela via do brincar e do fantasiar, mas se expandia também para a falta de lugar e de possibilidades das pré-adolescências na comunidade. Os corpos inquietos, que já não se reconheciam mais apenas como crianças, mas também ainda não se encontravam no lugar de jovens adolescentes, demandavam cada vez mais a atenção das miniequipes de cada turno e, em sua agitação, muitas vezes atropelavam as brincadeiras cuidadosamente armadas pelos menores. Além disso, algumas falas ecoavam nos ouvidos da equipe, colocando questões quanto à

necessidade de um lugar de acolhida e de invenção para a adolescência na vila e, ao mesmo tempo, quanto às possibilidades de se poder sustentar tal espaço.

Tais questões se atualizaram para a equipe em sua radicalidade quando dois meninos, antigos frequentadores da Casa, narraram as dificuldades de se crescer e adolecer naquele território. Um deles dizia ver como única saída a mudança para outro lugar da cidade, diante da impossibilidade de identificar outra via de permanência que não o colocasse necessariamente nas mãos da imposição violenta do tráfico ou da polícia. O outro, com apenas onze anos de idade, narrava os efeitos e as consequências a que ficava exposto caso eventualmente esquecesse de carregar consigo um documento de identidade o tempo todo, dizendo que, com tal esquecimento, se tornava um alvo frágil dos ‘atraques’ da polícia. As meninas, por sua vez, começaram a falar e a encenar o quanto a maternidade se apresentava a elas como a única via de passagem da infância à vida adulta, garantindo um lugar de mulher e alguma proteção contra os abusos e violências sexuais.

A equipe, ao escutar tais narrativas, colocou-se a pensar em possibilidades de criação de um espaço específico para a faixa etária dos onze e doze anos em diante. Primeiramente, fez-se contato com uma colega do Instituto APPOA, conhecida por sua experiência com a adolescência e também com a capoeira. E assim, em parceria com um grupo de capoeiristas da cidade, inauguraram-se as rodas na Casa dos Cata-Ventos. Inicialmente pensadas para os adolescentes, elas foram, entretanto, rapidamente ocupadas pelas crianças, que seguiram intensamente mergulhadas no universo da luta e da dança ancestral (Becker, 2016) – e a adolescência seguiu, então, como uma questão a ser pensada no projeto.

Nesse mesmo ano, contudo, uma residente pedagoga escolheu a Casa dos Cata-Ventos como um de seus campos de formação e, logo na entrada, manifestou o seu desejo de sustentar um espaço junto àqueles que se encontravam nesse lugar nem cá, nem lá. Ou, como vimos mais tarde, ora cá, ora lá. O grupo de adolescentes nasceu, assim, em 2015, constituindo-se, aos poucos, como um espaço de construções e de possibilidades para os nem tão pequenos e os já mais crescidos que passaram a habitá-lo.

Como nos diz a personagem de Valter Hugo Mãe (2017): “queria muito pedir desculpa por não servir para nada. Para criança ou para mulher. Era um lugar de intermédio, sem autoridade nem submissão completa. Apenas um impasse” (p. 87). Na tentativa de dar lugar e acolhida para esse momento de impasse dos adoleceres na Casa, fomos construindo um tempo e um espaço de transição, bem como um ritual de passagem que é realizado quando cada criança alcança seus doze anos de idade.

Aos onze anos, permite-se que a criança ou pré-adolescente circule tanto pelos turnos de brincadeiras como pelo grupo de adolescentes. O combinado é que, se há um ‘espírito de criança’ e um desejo de brincar, o ‘portão do livre brincar’ permanece aberto; porém, ao emergir o ‘espírito adolescente’ e a impossibilidade ou o desejo de não mais brincar, dirige-se ao ‘portão do grupo de adolescentes’. Esse movimento de ir e vir, bem como o tempo de experimentações que o acompanha, têm produzido efeitos subjetivos e constitutivos bastante interessantes nessa passagem que vai se armando entre a despedida da infância e a entrada da adolescência (passagem esta que, bem sabemos, não se dá de forma linear e contínua). Depois, ao completar doze anos, no primeiro turno em que a criança chega após o seu aniversário, é realizado então o ritual de despedida coletivo. Entrega-se um certificado de participação dos turnos de brincadeira, faz-se o registro fotográfico do momento e, ao final, a criança-agora-adolescente recebe um ingresso que a convida a integrar formalmente o grupo dos adolescentes.

Entretanto, conforme as crianças iam crescendo e adolescendo, testemunhávamos não apenas as transformações no brincar e nas possibilidades de se viver e conviver na comunidade, mas também algumas coisas que deveriam mudar e que, para muitas delas, não mudavam ou custavam muito mais a se transformar. Acompanhávamos as crianças crescendo, sem crescer junto com elas a intimidade com os lápis, os cadernos e os livros.

A passagem das garatujas para as letras, das letras para palavras e depois para frases e textos, se apresentava em ritmos bastante lentos se comparados aos das crianças de outras classes sociais. Na Casa, encontrávamos crianças em idade escolar que nunca haviam frequentado a escola; crianças que iam para a escola, mas que voltavam para as suas casas sem as aquisições cognitivas e culturais que lá se esperava que pudessem desenvolver; pré-adolescentes que certamente já poderiam estar devorando livros e histórias em quadrinhos, mas que mal os conheciam e que nem bem conseguiam desenhar seus próprios nomes.

Assim, o testemunho de ritmos de aprendizagem tão desacelerados e tão pouco investidos passou a produzir mal estares entre a equipe e, também, entre algumas crianças que, já maiorzinhas, envergonhavam-se do seu ainda não saber. Diante de tal situação, o que de fato cresceu foram os movimentos da Casa dos Cata-Ventos na busca pelos direitos fundamentais aos quais todas as crianças deveriam ter acesso: o direito de aprender a ler e a escrever e de terem garantida uma educação pública de qualidade.

A equipe passou a investir mais no contato com a escola frequentada pela maior parte das crianças e adolescentes e procurou o auxílio de pessoas que tivessem referências no



trabalho com a alfabetização e o letramento. De tantas conversas e encontros, descobriram-se algumas parceiras valiosas; e uma delas passou a integrar a equipe do projeto.

Com sua presença mais constante, uma psicóloga cujo órgão vital era recheado de letras e de desejos de disseminá-las<sup>11</sup> pôde ajudar a equipe no processo de criação de ações e intervenções que propiciassem a construção de um ambiente alfabetizador; sustentando a aposta de que a Casa dos Cata-Ventos pudesse vir a ser não somente um lugar de brincar, conversar e contar histórias, mas também “um lugar onde se lê e se escreve todos os dias” (Moura, 2016, s.p.).

Esse processo ocorria em paralelo à retomada dos turnos de contação de histórias, após um período de reformulação do formato da atividade. No ano anterior, a aposta da equipe foi de que os contos e histórias infantis pudessem ser ofertados mais livremente, como uma outra forma de brincar (com as histórias, nesse caso) além daquelas que as crianças já escolhiam e construíaam nos turnos semanais. Assim, algumas pessoas da equipe ficavam disponíveis para atender o interesse pelos livros e a demanda por histórias.

Entretanto, com o tempo se percebeu que, ofertada de tal modo, a contação acabava não acontecendo em muitas semanas. O que se percebia, sim, é que, naquele momento, o livro ainda não estava constituído como um objeto de valor para a grande maioria das crianças. Isso transparecia nas tantas brincadeiras em que os livros disponibilizados para a contação eram tomados como outros objetos quaisquer, sendo utilizados como armas em guerrinhas, como peso para encher malas em brincadeiras de viajar, ou ainda como mero objeto comercial no faz-de-conta de lojinha, na qual o livro-objeto não despertava o menor interesse ou curiosidade do comprador, depois de realizada a troca comercial.

Escutamos, ali, que os livros não eram habitantes usuais daquele território, e nem faziam parte do cotidiano das vidas que ali cresciam. Havia um trabalho a ser feito para que aqueles objetos cheios de folhas e de tracinhos pudessem se tornar algo mais, como guardiões de tesouros a serem descobertos e conquistados. E tal trabalho passou, naquele momento, pelo reconhecimento de que as oficinas de contação de histórias demandavam maiores investimentos, como um tempo de preparação da miniequipe que se ocupava dessa tarefa, e um momento específico na semana para oferecê-la e sustentá-la junto às crianças.

Depois, com as letras e os livros já circulando entre pequenos e grandes, foi ao fim desse mesmo ano que começou a ser gestado, também, o desejo de se construir uma biblioteca

---

<sup>11</sup> Nas palavras de Vera Moura, “Atingida no meu órgão vital, este órgão que não para de querer disseminar as letras e o direito ao acesso a elas. Da minha trajetória pessoal e profissional, a que nunca deixou de me encantar é a pesquisa em relação aos processos de aprendizagem” (2016, s.p.).

comunitária na Casa dos Cata-Ventos. Tal fato deu fruto à reelaboração do projeto de extensão parceiro, agora nomeado “Da contação à biblioteca: leitura e escrita como estratégia clínica e cidadã”, a ser inscrito na UFRGS no ano seguinte.

Duas letras em especial também passaram a compor as atividades da equipe. Eram elas: o A e o T. Em 2015, o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico (AT) inaugurou-se dentre as outras ações que já ocorriam. Sua estreia aconteceu com uma família que abrigava uma jovem mãe e seu bebê, visitantes dos turnos de brincadeiras cataventeiros. A primeira apresentava importantes fragilidades e demandas de atenção, e o segundo nos preocupava devido a alguns sinais de risco que emergiam em seu desenvolvimento. Em virtude disso, a equipe acionou a rede de saúde, educação e assistência, buscando um lugar onde a dupla pudesse ser atendida em suas necessidades, que iam além do que a Casa podia lhes ofertar. Nessa busca, encontramos uma escola para bebês preguiçosos que se dispôs a recebê-los, e os encontros de conhecimento e aproximação tiveram início no pátio da Casa.

“Escola para bebês preguiçosos” foi o modo como a proposta do atendimento foi apresentada para a família, a partir do significante que circulava no próprio discurso familiar sobre aquele bebê. Trata-se de uma escola de educação especial da rede municipal que oferece, dentre outras ações, atendimentos de Estimulação Precoce que vinham ao encontro da demanda e das necessidades daquela dupla de mãe e bebê.

O AT se fez necessário para que o pequeno e sua mãe fossem até a escola semanalmente, conforme demandavam os seus casos. Posteriormente, tal ferramenta seguiu sendo utilizada nas situações em que se identificava uma demanda e uma necessidade singulares, que nem sempre podiam ser acolhidas e atendidas nos limites dos espaços de intervenção coletiva da Casa dos Cata-Ventos.

Enfim, outra frente de trabalho que se abriu nesse mesmo ano de tantos nascimentos, foi o início da busca pela sustentabilidade financeira do projeto. Trabalho dos mais árduos, nascido de muitos questionamentos e tensões a respeito da natureza do projeto, de seu lugar no mundo, e das (im)possibilidades de seguir existindo sem se ocupar da circulação dos significantes que organizam parte das relações sociais em nosso mundo.

Nessa busca, encontramos a parceria necessária de atores um pouco mais experientes na arte de movimentar a esfera financeira da vida, e de agregar outros parceiros nessa jornada. O trabalho com tais significantes produziu o movimento de outros tantos que já davam sustentação ao fazer na Casa, possibilitando que novas formas de se dizer emergissem ao se reafirmar a posição ética desde a qual a equipe operava.

Tempo de nomear.

Ano 2016

Um ano após a nova mudança do projeto para a casa cedida no seio da comunidade, passamos por mais um fevereiro atípico. A equipe que ficara responsável pelos turnos de brincadeiras do período de férias escolares acabou se vendo envolvida numa tarefa distinta e talvez um pouco distante do que se imaginaria comumente sobre o ofício de um psicanalista. Naquelas semanas, os “psicanalistas do asfalto” talvez tenham se reconhecido mais como “psicanalistas de obra”, acompanhando pedreiros e outros trabalhadores que se ocupavam de reformas e melhorias na casa.

Em meio a canos de esgoto empilhados no pátio, escadas, tijolos e vidros quebrados, os cuidados com o espaço de uso coletivo e compartilhado puderam ir sendo construídos da mesma forma: compartilhada e coletivamente. Acompanhar a obra e manter a presença da equipe, mesmo no momento de indisponibilidade da casa para se receberem as crianças e adolescentes, permitiu a inscrição de outras formas de cuidar e de ser cuidado. Poder nomear para as crianças que a impossibilidade de brincar naquele momento se fazia necessária para que posteriormente fosse possível voltar a brincar em melhores condições e com mais segurança, era um trabalho necessário para a construção de uma outra temporalidade, distinta daquela do tempo da urgência e das rupturas bruscas a que já estavam acostumados e que, de algum modo, acabavam muitas vezes por antecipar.

Além disso, a escuta, que tantas vezes se dava do portão da Casa para dentro, foi se ampliando em outras direções, acontecendo nos encontros com mães e pais no semáforo fechado, no trajeto acompanhado pelas crianças até a casa, e nas trocas e construções com a nova presidenta da associação de moradores. Dizeres significativos e potentes emergiam nesses encontros singulares. Famílias nomeavam a falta que a Casa estava fazendo no território e reconheciam o laço construído ao longo do tempo – laço que tantas vezes fora colocado em questão pelos mesmos familiares, ao interrogarem o que fazíamos ali e por que insistíamos naqueles seres ‘mais difíceis’ e ‘sem salvação’. Crianças reivindicavam o espaço que conquistaram e do qual tão bem se apropriaram, protestando legitimamente: “vamos chamar o Conselho Tutelar, pois *temos o direito de brincar!*”. Mulheres anunciavam o desejo de retomarem os estudos, ampliando seus horizontes de possibilidades e de escolhas, e direcionando um certo pedido para a Casa dos Cata-Ventos, no mesmo momento em que a Associação de Moradores produzia articulações importantes, como a parceria com um projeto de alfabetização para jovens e adultos.

Essa escuta itinerante seguiu produzindo efeitos bastante importantes, mesmo após a reinauguração e abertura da casa já reformada. Numa semana em que se fez um lapso na equipe, duas trabalhadoras foram até a vila para levar novos materiais adquiridos para a Casa, sem, no entanto, terem ficado com o molho das chaves necessárias para adentrar o espaço. Assim, no tempo de espera que se produziu enquanto tentavam contatar a presidenta da Associação para pedir suas chaves emprestadas, as cataventeiras acabaram chamando a atenção de um adolescente que passava por ali e de quatro crianças que foram fígadas pela surpresa-sedução da sacola que recobria os novos materiais.

Na conversa com o adolescente, que chegou com seu banquinho para aproveitar melhor a manhã ensolarada, acabou se estabelecendo uma legítima contação de história, cujo personagem principal se fazia ali presente, em carne e osso. Como autor e narrador de seu próprio conto, o menino compartilhava as aventuras e travessuras de seu momento de vida, bem como projetava os planos e sonhos para um futuro não tão distante. Queria ser jogador de futebol ou arquiteto, como aqueles que assistia na televisão, escolhendo cores para as casas e levando mais vida às vidas das pessoas. Já começava, ali, a arquitetar o seu próprio projeto de vida, tendo como testemunhas algumas das pessoas que puderam acompanhar suas brincadeiras de menino transmutarem-se em desejos de trabalho de gente grande.

Já as crianças – encantadas com a descoberta do conteúdo secreto da sacola (havia livros doados para a contação e materiais gráficos como lápis, canetinhas, colas, tintas e glíteres) – puseram-se a contar sobre suas experiências escolares e acabaram por dar um novo nome ao espaço da contação de histórias. Surgia, ali, na boca dos mais novos apaixonados por letras e livros, o nome de batismo de um projeto que florescia cada dia mais: Livração! Significante repleto de invenção e criação, que atestava e antecipava o crescimento do investimento na aposta da leitura e da escrita como ferramentas indispensáveis de transformação social.

O resgate histórico e os desdobramentos mais pormenorizados de tal nomeação foram trabalhados na dissertação de Rocha (2018). Em seu texto, a autora sustenta que “a livração não é uma intervenção concreta” (p. 33), mas que se trata da democratização do livro e das letras, articulada ao fazer clínico da Casa dos Cata-Ventos. E acrescenta ainda que “a livração é o deslocamento da escuta para as questões do mundo letrado” (p. 54).

Na banca de defesa de seu trabalho, colhemos a preciosa contribuição de Elaine Milmann ao buscar significados possíveis para o substantivo livração; tendo descoberto estreitas ligações com o verbo livrar, podendo significar também: soltura de pessoa que estava

presa; resgate; libertação. Tais achados vieram ao encontro de outro: uma poesia, resgatada pela colega de equipe, Eda Tavares, e nomeada “O livro”, na qual se lê: “Eu, do livro não me livro / E nem quero me livrar / Se do livro eu me livro, / Como livre vou ficar? ”<sup>12</sup>. Vale destacar ainda que, em equipe, havíamos construído algumas hipóteses possíveis para tão bela e precisa nomeação, incluindo aí o ato de se livrar da ignorância, bem como a identificação de um neologismo que condensa a imagem de um livro em ação.

Tempo de florescer.

Ano: 2017

Os anos de 2016 e 2017 foram marcados por lutos e lutas, e também recheados de pequenos frutos colhidos pelos plantios cuidadosa e coletivamente realizados na Casa dos Cata-Ventos. Os lutos se produziam uma e outra vez, conforme acompanhávamos a série de desmontes que se iniciara ao longo de 2016, com o processo de impeachment da presidenta do país, legitimamente eleita e imoralmente deposta. Tendo assumido o cargo o vice-presidente da chapa escolhida nas urnas em outubro de 2014, o que se desenrolou foi uma série violenta de retrocessos e de destruições das construções políticas e sociais bravamente batalhadas e duramente conquistadas ao longo do curto período democrático brasileiro. O vice, que fora eleito em função de um determinado programa de governo apresentado durante a campanha, ignorou-o – rasgando e jogando no lixo não apenas o projeto de governo escolhido pela população, mas também partes e mais partes de nossa lei fundamental: a Constituição Cidadã<sup>13</sup> (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

A dor e a revolta que marcavam o cotidiano da vida e do trabalho se intensificavam ainda mais ao percebermos que a população mais atingida por tantos dismantelamentos era justamente a das pessoas que atendíamos e acompanhávamos no projeto, desde 2011. Pretos, pobres e de periferias: esses eram os principais alvos do desgoverno que se instaurava. Testemunhávamos, também, as equipes da rede intersetorial de atendimentos sofrerem cada vez mais cortes e retaliações, sendo reduzidas tanto em número de trabalhadores, como em suas possibilidades de seguirem prestando um serviço suficientemente qualificado.

---

<sup>12</sup> Disponível na internet, com autoria de Silas Fonseca (s. d.).

<sup>13</sup> Aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ficou conhecida como “Constituição Cidadã” por ter sido concebida no processo de redemocratização do país, iniciado com o fim da ditadura civil-militar brasileira.

A política vigente parecia construir como norte e direção nada mais do que matar à míngua todas as políticas públicas assistenciais anteriormente construídas e investidas. O artigo 3º, dos Princípios Fundamentais da Constituição, parecia transformar-se em horizonte perdido, ficando relegado a tempos anteriores que se faziam cada vez mais distantes. Cito, então, o que fora abandonado desde o fatídico 2016:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

No entanto, o testemunho de uma nova onda reacionária de violências e descasos parece ter produzido, na equipe do projeto, um ímpeto ainda maior de poder dar continuidade às ações já implementadas junto à comunidade e fortalecê-las. E o retorno que as crianças e adolescentes nos traziam alimentava ainda mais esse desejo, contrapondo-se às sensações de impotência e desesperança que, volta e meia, teimavam em aparecer.

Se, no âmbito da macropolítica, víamos muitas portas se fechando para nossos futuros adultos e cidadãos brasileiros, no cotidiano de nossa micropolítica presenciávamos as crianças descobrindo novas portas e janelas, cujas aberturas iluminavam os rostos e olhares de pequenos e grandes. Todo o movimento e investimento realizado em torno da proposta da Livração – que passou a abarcar o planejamento da contação de histórias, a construção do ambiente e das estratégias alfabetizadoras e a organização da futura biblioteca – apresentou-se com toda a sua força e potência ao longo de 2017.

A equipe de contadoras de histórias mergulhou intensamente na proposta de viajarem com as crianças pelo universo de contos infantis, de maneira a possibilitar o trabalho e a elaboração das questões e nós que iam se apresentando nos demais espaços de intervenção. Assim, com a ajuda do Incrível Hulk tornou-se possível a elaboração de novos modos de se lidar com a brabeza e a fúria que eventualmente emergiam. Com Dandara, princesa preta, princesa forte, pôde-se restituir o fio histórico da chegada dos negros escravizados ao Brasil, bem como ressignificar o lugar e o valor do preto na comunidade, trabalhando de forma lúdica e poética com a questão do racismo. Esse tema, aliás, que há anos e anos retornava como questão para a própria equipe, formada majoritariamente por pessoas brancas,

finalmente pôde ter lugar de destaque e de debate no trabalho desenvolvido, inserindo-se na narrativa da Casa dos Cata-Ventos pela via dos contos e de outras leituras e discussões<sup>14</sup>.

Nas viagens literárias participaram, também, João e Maria, os três porquinhos e seu lobo mau, o temido e adorado Barba Azul, entre tantos outros personagens empenhados na tarefa de ampliar as possibilidades narrativas e a criação de estratégias inventivas no encontro com o medo e o desamparo. Nesse percurso, entretanto, não embarcaram apenas os personagens clássicos, mas também todos os pequenos e grandes que se permitiram adentrar no mundo da fantasia, acessando e compartilhando parte importante do capital cultural que construímos enquanto humanidade.

Além do mais, o trabalho com letras, histórias e livros foi se estendendo, também, a todas as outras atividades sustentadas na Casa. Na capoeira, além do ensino e do ensaio de movimentos e gingados, também se passou a ler e escrever. Em um dia, as crianças escreviam seus apelidos de batismo em papéis coloridos; em outro, recebiam impressas as letras de novas canções que embalavam as rodas da luta dançada; no seguinte, faziam jogos de roda com palavras e histórias escritas. No grupo de adolescentes, alguns recém juvenecidos traziam suas músicas favoritas, permitindo que cataventeiros e cataventeiras oferecessem a passagem da letra ouvida e cantada para a letra escrita e analisada.

E nos turnos de livre brincar, então! Quanta invenção se produziu com a imensidão do alfabeto e o infinito numérico pelos quais as crianças rapidamente se fascinaram. As brincadeiras de polícia e ladrão, que antes desandavam rapidamente para ataques reais e agressões físicas consideráveis, passaram a ser elaboradas lentamente, em torno da mesa recheada de folhas e canetinhas. A narrativa da brincadeira se construía enquanto eram fabricados, artesanalmente, todos os dinheirinhos que seriam roubados pelos ladrões, e depois, quem sabe, recuperados pela polícia. E muitas vezes não se soube, de fato, qual seria o desfecho dos roubos fantasiados, já que o ato de narrar e de fabricar o brinquedo acabava por constituir o próprio brincar das crianças, construindo bordas e apaziguamentos pulsionais nunca dantes observados por ali

Os desenhos, tantas vezes oferecidos como presentes às ‘soras’ e aos ‘soros’<sup>15</sup>, passaram a receber sempre a marca da assinatura de seu autor, fossem os autores já letrados

---

<sup>14</sup> Aqui, vale o registro e o agradecimento a todas as trabalhadoras negras que participaram do projeto, e que insistentemente apontaram para a necessidade de reconhecermos e trabalharmos com as questões raciais que emergiam nas relações entre as próprias crianças e entre a equipe. À Fernanda Maiato, Letícia Campos, Liana Vieira, Luciana Rodrigues e Thais dos Santos Vargas Daguerre, nossa gratidão por não desistirem dessa luta tão necessária e fundamental.

ou não. As contações de histórias, por sua vez, também passaram a se produzir durante os turnos de brincadeiras, sendo sustentadas, agora, pelas próprias crianças, que se autorizam a escolher livros para contar ou inventar em alto e bom som.

Por fim, os livros, que deixaram de ser habitantes desconhecidos daquele território, começaram a passear com as crianças: da Casa dos Cata-Ventos para as casas dos pequeninos, e de volta aos Cata-Ventos. A biblioteca foi posta a funcionar, assim, antes mesmo de sua organização formal. A partir do pedido e da demanda das crianças para levarem os livros para casa, os empréstimos informais passaram a ocorrer, aos cuidados das equipes de cada turno.

Os tantos frutos que puderam ser colhidos nesse ano, serviram como sementes para seguirmos apostando na potência da palavra e da escuta, especialmente nos lugares mais áridos. Lugares produzidos historicamente e deliberadamente pelas políticas sistemáticas de exclusão que vimos se intensificar nesses últimos e difíceis anos. No entanto, as crianças e seus frutos, foram e continuam sendo as razões de nossa luta e resistência.

Prosseguiremos, então, com outras histórias em cenas, cujos personagens principais são os pequenos habitantes da Casa dos Cata-Ventos; e cujos cenários se expandem para outros lugares que eles também habitam. Antes, porém, compartilharemos algumas reflexões sobre as cenas e seus percursos de escrita; acompanhados de personagens da história da psicanálise e de suas elaborações, e também por todos aqueles que apostam em práticas clínicas que reverberam e produzem transformações na pólis e no laço social onde se inscrevem.

---

<sup>15</sup> Na passagem do ano de 2017 para 2018, as crianças apresentaram um novo significante ao se dirigirem aos cataventeiros da Casa. Não mais ‘sor’ ou ‘sores’, como inicialmente os nomearam, mas sim ‘soro’ ou ‘soros’. Em leitura compartilhada com a equipe, a partir da produção textual do colega Anderson Beltrame Pedroso (2018) a respeito da questão da masculinidade na Casa dos Cata-Ventos, construí a hipótese de que essa mudança pode ter se produzido apoiada na transformação da relação com o masculino na experiência das crianças junto aos cataventeiros e cataventeiras. Como bem pontuara Pedroso (2018), o lugar do masculino na comunidade é fortemente atrelado às vivências de violência – seja na encarnação das figuras dos patrões do tráfico, dos representantes do Estado em suas entradas violentas, ou mesmo da violência doméstica testemunhada pelas crianças cotidianamente. De modo tal que, a certa altura, os meninos chegaram a nos perguntar se, em nossas casas, nós éramos os que apanhavam ou os que batiam; afirmando que, quando crescessem, eles prefeririam bater. (Para mais detalhes a esse respeito, indicamos a leitura da dissertação de Marina Rocha Rodrigues [2017]). O contato e a convivência cotidiana com os homens que integram o projeto – e que se apresentam, ali, em uma posição de cuidado e de respeito, e não de violação – parecem ter ampliado as possibilidades de leitura das crianças e dos jovens no que diz respeito à masculinidade e as suas formas possíveis de expressões. A emergência do significante “soro” (que é comumente conhecido como o líquido utilizado em situações em que há a necessidade de um cuidado físico), permite-nos pensar que se abriu espaço para a inscrição de outros registros e significações possíveis na relação com o masculino e as masculinidades; incluindo, agora, a perspectiva de ser-se homem e poder cuidar e, também, de se ser cuidado por um homem. Salienta-se, nesse deslocamento, o acréscimo da letra o ao significante anteriormente presente (sor → soro), sendo aquela, em nossa língua, a palavra que representa o artigo definido indicativo do masculino.